Nº 267

IGREJA E APOSTOLADO POSITIVISTA DO BRASIL

O AMOR POR PRINCÍPIO, E A ORDEM POR BASE:
O PROGRESSO POR FIM

Viver para outrem. *Viver às claras.*

A VACINA

E

A PROTEÇÃO DOS ANIMAIS

CARTA AO ILMº SR. DR. CARLOS COSTA,
Presidente da Sociedade Protetora dos Animais.

Prezado concidadão:

Há muito que acompanho com vivo interesse os esforços generosos que, na Europa e nos Estados Unidos, se envidam, no sentido de libertar os animais da crueldade humana. Estou, por isso, mais ou menos a par do crescente movimento zoofilista que, em outros países, procura abolir, por meio de associações, e pela propaganda escrita e oral, os abusos de nossa espécie em relação aos nossos companheiros inferiores, como os chamou Augusto Comte.

Sendo assim, foi grande a satisfação que tive quando soube que havíeis conseguido levar a efeito a fundação entre nós de uma "sociedade protetora dos animais". Fiz logo tenção de auxiliar, sob qualquer forma ao meu alcance, tão útil instituição, propósito este que não realizara até agora por circunstâncias involuntárias. E tanto maior foi a simpatia que despertou em mim a vossa iniciativa, quanto me pareceu, pela leitura que fiz de um número de vossa revista, que a nova sociedade manifestava tendências mais completas e mais coerentes do que as suas congêneres estrangeiras.

Com efeito, nesse número vi a tradução de uma memória de *Miss Britton* contra a *vivissecção*, e uma excelente carta do Dr. Sousa Lima, na qual este ilustrado médico preconizava o *vegetarismo*, não só pelas suas vantagens higiênicas mas também pela sua

superioridade moral. Vegetariano há muitos anos, e adversário das vivissecções desde que sou positivista, o que vale dizer desde o fim da minha adolescência, bem se pode avaliar a impressão animadora que esses indícios me produziram.

Tais eram as minhas disposições para com a nova sociedade, quando soube hoje que, por diligência vossa, ela resolvera abrir ao público, em sua sede, um posto vacínico. Imagine-se o meu espanto. Li duas vezes o anúncio, para certificar-me que não era uma ilusão.

Pobres vitelos!, exclamei. Pois, então eles não são animais também, e não merecem, como os outros, a solicitude da Sociedade Protetora dos mesmos? Por que não deveis ignorar, meu caro concidadão, que o preparo da vacina animal (a única empregada atualmente) importa na tortura e no sacrifício dos vitelos, que são utilizados para esse fim. A este propósito, peço vênia para oferecer à biblioteca dessa instituição um artigo, com gravuras, escrito em inglês pelo senhor Ernesto Bell, editor do *Animals' Friend*, em que o autor, colocando-se no ponto de vista do vitelo, descreve e comenta o processo de produção e extração da chamada linfa vacínica.

Que o processo é cruel, não resta a mínima dúvida. E, se assim é, não vejo como é que a vossa sociedade concilia o seu programa com a criação de um posto vacínico.

Dir-se-á, porém, que aqui se trata de um caso em que é lícito torturar um animal, tendo em vista o benefício que daí resulta para a espécie humana.

Pela minha parte, recusou terminantemente o argumento. Mas, admitindo que esse ponto de vista (que não deve ser, com certeza, o do vitelo) seja aceitável, que tem que ver a Sociedade Protetora dos Animais com a profilaxia da varíola no homem?

Que, individualmente, vós e os vossos consócios vos vacineis, por que acreditais nesse preventivo, e por julgardes que, entre a pele própria e a do vitelo, dever salvar de preferência aquela, é uma incoerência que se pode desculpar, dada a força peculiar ao instinto de conservação. Abrir porém, postos vacínicos em nome de vossa sociedade, como ato coletivo da mesma, francamente o digo, não alcanço a compreender.

É verdade que o homem é também um animal, e, neste caráter, pode se pretender que ele está incluído no título de vossa sociedade. Semelhante alegação, porém, seria apenas um gracejo, por que o homem está, de fato, e deliberadamente, afastado do vosso programa; de outra maneira, seria ele um coprotegido muito suspeito, visto como é justamente contra a sua prepotência que quereis defender os animais. Mas se, apesar de tudo, existirem em tão extravagante alegação, nesse caso, além do título, cumprirá reformar o vosso programa, e resumi-lo deste modo: defender os animais contra as crueldades do homem, salvo quando essas crueldades aproveitarem ao dito homem.

E esta é, parece-me, a única significação que pode ter a abertura do vosso posto vacínico; a menos que não se trate de um desses lapsos mentais de que ninguém está isento, nem mesmo os maiores engenhos. Bem conheceis o corriqueiro *quandoque bonus dormitat Homerus.*

Saúde e fraternidade.

MIGUEL LEMOS
(38, rua Benjamin Constant)

Rio de Janeiro, 2 de Gutenberg de 120 (13 de agosto de 1908).